

OLHARES DOCENTES

A “estética” da liberdade na voz feminina¹

Wellington Gonzaga Brandão

Mestrando em ensino e processos formativos pela UNESP/FEIS (Ilha Solteira- SP) e Bolsista CAPES / Professor Pesquisador - UNESP/FEIS



Existe em mim o incauto efeito de um critério externo muito importante, semelhante a contemplação de uma paisagem que suscita admiração e encanto que se forma na beleza do gesto de Ana Paula Tavares ao abordar o feminino em sua obra, ao me deparar com essa ação muito boa senti um imediato impulso interior de aprovação e realização de algo digno

para reflexão enquanto homem e que vem na constatação, com muito respeito, de que a mulher angolana está intimamente engajada na busca pela identidade nacional e no resgate da tradição dos povos africanos. Há explícita nessa tarefa uma luta contra o processo de imposição cultural dos colonizadores percebida e fielmente representada na retratação da milenar manifestação da oralidade que a autora deixa bem claro que é resultante das condições materiais e históricas.

Mesmo nesse cenário de tradicionalismo que traz em sua estrutura o estigma de divisão sexual e social, onde a mulher é relegada as funções domésticas tendo cerceado o seu direito de manifestar o seu talento, há uma comprovação dessa situação amparada numa intertextualidade contemporânea em comparação com outros autores onde se lê que a mulher era tida como inferior e reservada a um lugar de menor visibilidade. A literatura dela confronta essa dominação expondo sempre um desejo primordial de liberdade e anseio por algo que faça as mulheres se sentirem bem, mas percebe-se também que essa situação de crítica ferrenha a deixa em estado de agonia e sofrimento, uma vez que esse embate para que a situação melhore se dá em um ambiente de dominação masculina. A voz feminina que fala do lugar de amor e guerra constituinte do “eu lírico” de Tavares, está sempre em perigo, pois a cultura

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura Angolana, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2018.

hegemônica está à espreita e pronta para aniquilar as manifestações culturais angolanas com a imposição dos tentáculos de suas representações e valores próprios, a mulher sofre duas vezes, uma na possibilidade de perder o amor para a guerra e outra quando observa, quase impotente, a agonia de sua cultura.

Não é necessário um extraordinário raciocínio para perceber que o colonialismo é enredado por ações ignóbeis, inconvenientes e feias, mas efetivamente com maior razão nota-se a beleza que há em ver as mulheres como Ana Paula Tavares, mesmo que suas vozes as vezes não sejam ouvidas, gritarem com uma estridência estética nos ouvidos dominadores masculinos, o seu amor pela liberdade e sua determinação em ser defensora da mulher colonizada. Mesmo nas situações em ela apresenta a mulher numa redoma de fragilidade e melancolia, há uma rica experiência transmitida na continua criticidade tecida contra a subversão e o sexismo impostos pelos homens de um modo geral e pelos colonizadores, ao condenar a hegemonia imperialista e masculina ela tenta se fazer representar e mostrar o papel da mulher angolana no cenário pós-colonial.